

A virada — Sarney (ano I)

A ENTREVISTA coletiva do Presidente José Sarney é um marco na História do seu Governo. O Presidente da República se soltou em contato com a Imprensa e, se desabafou, às vezes, o desabafo valeu como prova de sinceridade no propósito de acertar.

O GLOBO

A POSTURA renovada está desinibida como consequência da necessidade, provavelmente por ele sentida, de influir para conter tendências constituintes adversas à Paz Nacional. O seu direito de influir, por absurdo que pareça, estava contido por "patrulhas ideológicas" atuantes na Assembléia Constituinte, pregadoras de teoria absurda: a de que o Presidente da República deveria abster-se e omitir-se, abdicando de direito que não é negado ao mais simples cidadão.

ENTRAMOS em nova fase, na expectativa de que o Presidente Sarney se tornará presente ao grande debate nacional. A palavra presidencial começa a revitalizar a esperança de retomada da modernização brasileira. Por ele foi apanhado o fio de uma marcha ultimamente amortecida por obra de ações diversificadas e muitas vezes descontroladas de grupos sociais antes reprimidos e agora liberados. Muitos desses grupos pretendem orientar o curso do País para rumos e objetivos totalmente desligados das transformações positivas até então operadas.

O BRASIL da abertura político-constitucional não poderia admitir, por muito tempo paradas na modernização nacional a realizar-se de forma livre e arrojada. Foi este o significado profundo da virada presidencial. A Nação nela se reencontrou na proporção em que lhe foi mostrado que outras liberdades não deveriam ser sacrificadas em nome da liberdade política.

FICOU evidente que o Governo se liberta de laivos populistas e propõe o debate franco com a sociedade, da qual demanda participação responsável no combate aos perigos da inflação.

MAS a proposição presidencial de modernização vai mais além ao proclamar que a sociedade não pode ser livre politicamente e, ao mesmo tempo, regulamentada ao exagero no econômico e no social.

PROPOE o Presidente, simultaneamente, a autonomia sindical e a liberdade industrial. Diz ele: que sejam livres do Estado os sindicatos e igualmente livre a política industrial. Corajosamente o Presidente da República preconiza a abertura industrial ampla, e de modo mais específico na questão da reserva de mercado, só admissível como exceção; jamais uma política geral e permanente, pois tais reservas fechariam o País por dentro, inviabilizando a sua abertura para o Mundo, para a interdependência vantajosa, que pode e deve ser praticada por uma sociedade democrática livre e de complexos de inferioridade.

DE FORMA coerente o Presidente Sarney repele a autarquia, o País se isolando sob pressões internas que causariam a estagnação econômica e a socialização da pobreza por falta de empregos. A reabertura para o Mundo já tardava, restando enfrentar os que estão utilizando a abertura política com o objetivo de estancar o progresso, no momento em que fluxos históricos exigem a unificação progressiva em uma ordem internacional mais legítima e pacífica.

O PRESIDENTE da República se apresentou ao povo brasileiro como interlocutor válido e relevante na discussão final da Constituição. Esta precisa corresponder ao anseio de unidade nacional. Não haveria união sem a harmonia entre as aberturas política, econômica e social. Sacrifícada a abertura econômica viria com ela a paralisação das liberdades de produzir e criar, comprometendo-se assim o destino do Brasil democrático.

O INTERLOCUTOR desinibido terá o apoio de todos que relacionam a democracia renascida à renovação de seu parque industrial em uma nação recolocada no Mundo.